

**CRÍTICA DIALÉTICA NAS PROVÍNCIAS
DA “REPÚBLICA MUNDIAL DAS LETRAS”:
A PRIMAZIA DO OBJETO NA OBRA
DE ROBERTO SCHWARZ¹**

**DIALECTICAL CRITICISM IN THE PROVINCES
OF THE “WORLD REPUBLIC OF LETTERS”:
THE PRIMACY OF THE OBJECT IN THE WORK
OF ROBERTO SCHWARZ**

Silvia L. López²

“Das Ganze ist das Unwahrre”
(T.W. Adorno)

“A mística terceiro-mundista encobre o conflito de classes e traz uma visão ingênua, ainda que violenta, dos antagonismos e sobretudo das interdependências internacionais. A estética que ela inspira existe, e é a herdeira dos aspectos retrógrados do nacionalismo. Para relativizar a questão, por outro lado, convém lembrar também que inexistente a estética do primeiro mundo.”
(Roberto Schwarz)

¹ N.T.: Texto originalmente publicado em inglês. Cf.: LÓPEZ, Silvia L. Dialectical Criticism in the Provinces of the “World Republic of Letters”: The Primacy of the Object in the Work of Roberto Schwarz. *A Contracorriente: una revista de historia social y literatura de América Latina*, v. 9, n. 1, out. 2011, pp. 69-88.

² Carleton College: <slopez@carleton.edu>.

Nos dias de hoje, tornou-se praticamente impossível se sentar e escrever qualquer coisa sensata sobre estética e globalização sem entrar imediatamente na ordem pré-definida dos clichês sobre a compressão sem precedentes do tempo e do espaço, refletida na intensificação das interconexões sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo atual. A teoria literária não ficou imune às pressões para se sobrepor ao desafio dos discursos sobre a globalização, produzindo, por sua vez, diferentes tentativas de apreender, compreender e teorizar seu objeto *pari passu* com a ideologia dominante de seu tempo. Críticos como Franco Moretti e Pascale Casanova embarcaram em projetos ambiciosos na busca de estabelecer novos paradigmas que recriassem um discurso literário globalista e um aparato sistemático que pudesse tornar compreensível o mundo literário. Embora a intenção e as matrizes dessa nova mundialização³ da literatura possam ser diferentes em suas concepções, o ímpeto histórico-crítico por trás delas é compartilhado: distanciar-se do discurso dos estudos pós-coloniais e restabelecer modelos de compreensão global da produção literária que têm, a longo prazo, um efeito despolitizante, alcançado seja por meio da adoção de um modelo darwiniano empírico da evolução das formas literárias, seja por meio da realocação do conceito de autonomia literária, desta vez com todos os relógios ajustados ao Meridiano de Greenwich.

Para o crítico latino-americano, a constante reedição de campanhas abrangentes – fenomenológicas e eurocêntricas – de “remundialização”⁴ da literatura se torna muito interessante em seu tédio, uma vez que elas sempre, infalivelmente, sinalizam o apagamento do marxismo como um aparato teórico-crítico que colocava, no centro do conhecimento, a metacrítica da epistemologia, montando, desse modo, um quadro radicalmente diferente para a análise da cultura e da reificação no capitalismo tardio. Nas páginas que se seguem, após rever algumas dessas investidas numa lógica de produção literária “terceiro-mundista”, apresentarei a obra do crítico brasileiro Roberto Schwarz, cujos protocolos teórico-críticos imanentes nos levam, rigorosamente, ao princípio básico da estética adorniana/marxista moderna: o da primazia do objeto. Esse

³ N.T.: O termo empregado pela autora, *worlding*, vem entre aspas. Decidi não as incluir na tradução, pois a palavra correspondente em português se encontra dicionarizada, diferentemente de seu correlato nos dicionários de língua inglesa.

⁴ N.T.: As aspas foram acrescentadas aqui devido ao vocábulo não dicionarizado em português. Em inglês, a autora não empregou as aspas, provavelmente, por se tratar de uma derivação de um termo introduzido anteriormente no texto, *worlding*, que, como dito na nota 3, conta com um correspondente em português, mas não em inglês.

tipo de obra fornece uma resposta diferente a problemas perenes da contraposição entre modelos externos de análise e interpretações baseadas no texto, entre níveis de particularidade na literatura e extrapolações de modelos genéricos, bem como lida, mais especificamente, com o modo pelo qual ideias e formas estéticas estrangeiras são sempre afirmadas inadequadamente no contexto periférico, cifrando, por essa via, de acordo com uma lei que lhes é própria, a verdade do mundo social.

1. *DAS GANZE IST DAS UNWAHRE: NOS LIMITES DA CATEGORIA “LITERATURA DO TERCEIRO MUNDO”*

Historicamente, evitemos começar com uma revisão do conceito de *Weltliteratur* de Goethe ou com a única passagem do *Manifesto Comunista* onde o termo “literatura mundial” aparece. Em vez disso, situemos a discussão dentro de um quadro institucionalizado da academia anglófona já que este é um problema que pertence exclusivamente às formações discursivas dessa circunscrição e envolve atores definidos por essas demandas institucionais. Por esse motivo, voltemos ao velho e esgotado debate que ocorreu há quase vinte cinco anos entre Fredric Jameson e Aijaz Ahmad; um debate que, na academia anglófona – naquela conjuntura e avaliado agora em retrospecto –, parece ter tido a ver mais com a necessidade de uma justificativa para o emergente campo das literaturas pós-coloniais e da legitimação do espaço e da rubrica “literatura mundial” nos departamentos de inglês, do que com qualquer preocupação concernente à capacidade alegórico-estrutural, atribuída às literaturas do “terceiro mundo”. Vale a pena lembrar e reposicionar o legado desse debate, agora que os discursos sobre a globalização e o bio-conceito de “império” parecem, ambos, abarcar, neles mesmos, toda a problemática cultural. Enquanto o debate Jameson-Ahmad em si não está mais em questão, a dinâmica fundamental desse debate, suas consequências e a preocupação com o caráter global da análise cultural voltam a ocupar o centro das atenções. Em outras palavras, a atual articulação desse problema nos modelos de Moretti e Casanova é realmente apenas uma continuação da mesma empreitada epistêmica, dessa vez, despojada do imaginário político da era de Bandung, só que agora reformulada pelo aparato semiótico mais amplo de um mundo globalizado.

Daquele debate original, aprendemos sobre a pobreza teórica de termos tais como “terceiro mundo”, sobre a impossibilidade de colocar, num tal nível de generalidade, os problemas que delimitam o estudo da

literatura – tais como os relacionados: a formações social e linguística; a conflitos políticos e ideológicos que se situam no interior do campo da produção literária; a modelos de periodização e contextos institucionais e culturais contestados – e aprendemos sobre a experiência altamente contraditória dos intelectuais não metropolitanos e sobre como é necessário ser exato quando se estuda o modo pelo qual esses escritores se punham a comerciar com as instituições culturais em seus próprios contextos. O que constituiria um estudo diferencial da cultura na modernidade não poderia seguir a proposta de Fredric Jameson (1987, pp. 26-27) de estudo da literatura do “terceiro mundo” na era do capitalismo multinacional. Dentre as objeções mais sérias que foram postas a Jameson, na época, estavam as generalizações relacionadas ao problema do nacionalismo e ao “caráter necessariamente alegórico” que ele atribuía àquelas literaturas. Aijaz Ahmad, em sua famosa réplica ao “Literatura do Terceiro Mundo na Era do Capitalismo Multinacional”,⁵ de Jameson, observou que o termo “terceiro mundo” não tinha qualquer *status* teórico, nem um fundamento epistemológico, e que a tentativa de o formular era empiricamente infundada. Ahmad se pergunta, nesse ponto, como poderiam ser classificados países como Índia e Brasil, dados os seus níveis de atividade econômica capitalista? E quais seriam os critérios empíricos para a classificação? Essas perguntas se tornam ainda mais válidas agora na era de economias “avançadas” e “emergentes” que complicaram ainda mais o uso do termo “terceiro mundo”.

À luz dos problemas meramente empíricos para essa classificação, o recurso de Jameson à experiência do colonialismo e do imperialismo como base para estabelecer essa divisão parecia também insuficiente. Para se distinguir da experiência geral do colonialismo, uma tendência geral de respostas nacionalistas parecia só banalizar o problema do nacionalismo em contextos periféricos de forma axiomática. Os pressupostos gerais de Jameson sobre o nacionalismo o levaram a colocar a alegoria como a forma principal de expressão cultural no “terceiro mundo”. Como Ahmad, sem rodeios, afirmou, isso só poderia ser sustentado se nenhum questionamento fosse feito a respeito da maneira como “escritores se põem a comerciar com as instituições culturais num contexto periférico”.⁶ A verdadeira experiência dos intelectuais do “terceiro mundo” em

⁵ N.T.: JAMESON, F. *Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism. Social Text*, v. 15, 1986, pp. 65-88. Não há tradução para o português desse ensaio.

⁶ N.T.: Conferir, aqui mesmo, p. 3.

sociedades altamente contraditórias pode, na verdade, inibir qualquer tipo de capacidade de alegorização e mostrar uma experiência mais profunda de alienação e desamparo do que a que poderia ser vista em qualquer um de seus homólogos pós-modernos do “primeiro mundo”.⁷

Entre a China e a África, a América Latina entrava e saía de cena com grande desconforto no texto de Jameson, um desconforto que era sintomático exatamente das *diferenças* históricas dos exemplos chinês e africano discutidos por ele. Essas diferenças se baseavam nas configurações *nacionais* nas quais a literatura latino-americana tinha sido produzida. Parecia claro que a nação, tanto como forma contemporânea vazia quanto como realidade sociopolítica, permanecia como o *locus* de inscrição da instituição da literatura. Enquanto a reivindicação política do comparativismo se fazia evidente, ansiando globalizar a compreensão dessa literatura num esforço para desprovincializar o leitor metropolitano, o efeito de distanciamento assíncrono era inevitável num texto que dividia o mundo em três diferentes. Talvez, a consequência mais significativa dessa espacialização do tempo tenha sido a produção de um leitor metropolitano soberano na busca incessante de fazer valer, em termos políticos, a sua leitura desses objetos literários, sempre a partir de seu posto de observação em relação à própria construção desses objetos.

Uma alternativa a essa posição consistiria em explicar o atual processo de diversificação por meio do estudo de culturas nacionais sob condições de modernidade. A premissa básica desse empreendimento é a suposição da coexistência de processos culturais sob o capitalismo global. Culturas modernas não são nem atrasadas, nem subdesenvolvidas; nem devem ser compreendidas como *loci a priori* beligerantes, revolucionários ou admiravelmente utópicos. Sua própria especificidade pode ser encontrada na experiência histórica do capitalismo moderno em suas histórias coloniais específicas. A presença de certas formas de escrita em contextos culturais diferentes não depende da qualidade da experiência compartilhada dos escritores, mas, na verdade, essas formas variam em relação direta com as tradições institucionalizadas e convenções de seus contextos. Escritores escolhem formas dependendo das circunstâncias sociais e históricas que definem o espaço institucional a partir do qual eles produzem.

⁷ De acordo com Schwarz, a produção literária de Machado de Assis aponta para esse aumento da consciência da contradição cultural entre as ideias liberais da elite política e a economia escravista no último quarto do século XIX no Brasil.

Está claro que qualquer tentativa de teorizar globalmente a produção literária em termos de “terceiro mundo” tem sido, no melhor dos casos e até o momento, uma promessa fracassada. No entanto, a afirmação de Jameson sobre a preocupação com o nacionalismo no “terceiro mundo” mereceu, em seu momento, consideração importante, porque a história de sua teorização forneceu um bom exemplo de como a lógica da diferença tem se inscrito em termos históricos mundiais. Em outras palavras, as próprias condições de possibilidade de tal dicotomia podem ser encontradas no tratamento histórico do problema da formação nacional e do nacionalismo disponível a nós desde o Iluminismo.⁸

Contra as hipóteses de Jameson acerca das “literaturas do terceiro mundo” e, apesar de afirmações estratégicas que possam ter sido feitas a respeito de tal rubrica na política da academia americana, a tarefa de articular um projeto de estudo de culturas nacionais sob a modernidade permanece crucial para os intelectuais latino-americanos. Esse tipo de projeto permitiria negar a lógica de alteridade que faz os produtos culturais das “regiões do mundo menos desenvolvidas” *necessariamente* serem ou isto ou aquilo (i.e., leituras alegóricas da nação, anticanônicas, revolucionárias, antirrepresentacionais, emergentes etc.) e confrontaria a compreensão provinciana da modernidade que sustenta esses esquemas de classificação.⁹

A coexistência da modernidade tal como experienciada na globalização do capitalismo monopolista a partir do fim do século XIX coloca o desafio de uma teoria diferencial sobre a própria modernidade, de modo que possa

⁸ Uma análise das diferentes teorias do nacionalismo que provariam este argumento está além do escopo deste artigo. Entretanto, pode-se indicar debates importantes dos últimos vinte anos. A obra de Benedict Anderson, por exemplo, questiona pressupostos anteriormente defendidos sobre a origem do nacionalismo e, como consequência, questiona a lógica de desenvolvimento que caracterizou o pensamento sobre o nacionalismo em centros metropolitanos no passado.

⁹ A genealogia de como isso tem sido tentado na tradição latino-americana é o assunto de um capítulo diferente no interior deste projeto e não pode ser abordado aqui. Em um tal capítulo, as batalhas ideológicas por uma aproximação anticolonial do problema da produção cultural e sua análise revelam também as tensões entre a tradição marxista e modelos intelectuais, descolonizantes e alternativos propostos por pensadores tão diferentes entre si como Enrique Dussel e Aníbal Quijano. Propõe, esse capítulo, uma matriz de interpretação que requer uma categoria operacional de modernidade, a qual segue o modelo semântico-histórico de Reinhart Koselleck, por ele concebido como uma categoria de periodização histórica, como uma qualidade da experiência social e como um projeto incompleto, com seus limites semântico-históricos e sua inseparabilidade das relações desiguais e combinadas com a modernidade europeia, assim como, por extensão, do funcionamento do capital.

considerar o *status* da produção cultural sob condições de modernidade na periferia do mundo industrializado. É somente por meio dessas compreensões comparativas e diferenciais que a modernidade cultural europeia pode ser mostrada como sendo a exceção, ao invés de ser a regra no contexto global. Na mesma proporção das repercussões políticas de uma tal postura, iria provar ser mais radical que o isolamento da diversidade em guetos na universidade americana, onde, por meio da marcação visível de gênero e raça, uma forma diferente de conhecimento é institucionalizada. Essa diferença e seu reconhecimento atual, por meio de classificações como “literatura do terceiro mundo” (para citar um exemplo), reinscrevem o racismo das políticas de alteridade. Talvez seja o medo de lugares e povos – todos demasiado contemporâneos e coetâneos –, a rejeição de relações globais do capital e a negação do *status* de minoria da cultura do “primeiro mundo”, o que impede um tipo diferente de política na institucionalização de novos modos de compreensão dos desenvolvimentos culturais modernos numa escala global.

A institucionalização do estudo das “literaturas do terceiro mundo” nos Estados Unidos diz mais sobre o *status* da instituição da literatura nessa parte do globo do que sobre o processo cultural desses países considerados sob a rubrica “terceiro mundo”. O processo rápido e intensificado de sanção e canonização de produtos culturais de outras partes do mundo impede a possibilidade de colocação de questões importantes sobre o “resto do mundo” de um modo mais radical. Com isso, refiro-me a questões que iluminariam processos coetâneos de modernidade na economia, na cultura e na política e a relação entre esses processos, ao invés de persistir no nível da construção de sua distinção e, desse modo, reafirmar noções europeias de cultura e modernidade precisamente por meio de gestos de inclusão.¹⁰

¹⁰ Cf.: ZIZEK, Slavoj. *The Abyss of Freedom / Ages of the World*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997. Até que ponto essa relação problemática entre a conceituação do centro *vis-à-vis* com o objeto da periferia pode escapar do racismo constitutivo é, talvez, uma questão que valha uma outra discussão, mas que pode ser tratada aqui brevemente. Poderia ser como Zizek defende ao dizer que “o racismo pós-moderno é o sintoma do capitalismo tardio multiculturalista, que lança luz na contradição herdada do projeto ideológico democrático liberal e em que, sem o elemento da verdadeira *jouissance*, o Outro permanece, em última análise, uma ficção, um sujeito puramente simbólico de um raciocínio estratégico exemplificado pela teoria da escolha racional?” (p. 27). Por essa razão, ele defende, de modo provocativo, que alguém até poderia se sentir tentado a substituir o termo multiculturalismo por multiracismo: o multiculturalismo suspende o núcleo traumático do Outro, reduzindo-o a uma entidade folclórica e asséptica. A crítica de Zizek

2. A MUNDIALIZAÇÃO DA LITERATURA: DIAGRAMAS DE ÁRVORE, MAPAS E A REPÚBLICA MUNDIAL DAS LETRAS

Vinte anos depois, encontramos-nos em meio a um novo esforço em teorizar o campo da literatura como um fenômeno global. Moretti, em seu livro¹¹ *The Modern Epic: The World-System from Goethe to García Márquez*,¹² e Casanova, em seu livro *A República Mundial das Letras*, propõem novas estruturas de interação entre literatura e história para tentar responder a perguntas que tinham sido colocadas anteriormente: é possível encontrar os meios conceituais para restaurar o vínculo entre a literatura, a história e o mundo sem perder a especificidade e a particularidade irredutível dos textos? Podemos nos valer de ferramentas teóricas para combater o princípio arbitrário da autonomia dos textos literários? Quais são as leis que governam a multiplicidade das formas literárias? Dado que as perguntas já foram postas antes, respondidas e debatidas a partir de vários pontos de vista teóricos, a questão mais intrigante é: por que elas estão sendo postas novamente? Quais respostas para essas perguntas nunca foram ouvidas e por quê não? Farei algumas conjecturas sobre essas questões mais adiante.

Embora essas tentativas possam não enfrentar as mesmas dificuldades da proposta de Jameson, elas apresentam problemas novos e talvez mais insuperáveis que o do esforço dele em esquematizar a totalidade das “literaturas do terceiro mundo”. Franco Moretti propõe um estudo comparativo global da forma do romance por meio da análise sistemática de uma acumulação surpreendente de estudos empíricos de todo o mundo. Em causa, está a explicação histórica de como os gêneros se desenvolveram no tempo e no espaço. Esse é um modelo evolucionista num sentido estritamente darwinista-gouldiano, porque tenta dar conta do fato de que certas formas literárias foram bem-sucedidas enquanto outras possibilidades literárias em competição pereceram. Quais leis regulam o processo de seleção e como essas leis funcionam quando a forma do romance percorre o mundo e altera sua morfologia são questões que

sobre a impossibilidade de uma relação não-traumática com o Outro é algo que deve ser, de algum modo, considerado ao se refletir sobre o lugar de produção do conhecimento.

¹¹ N.T.: Não há tradução para o português desta obra. O título, em tradução livre, seria: *O épico moderno: o sistema-mundo de Goethe a García Márquez*.

¹² O projeto de Moretti é abrangente e farei referência aqui apenas ao livro sobre o épico moderno e ao *Maps, Graphs, Trees* [N.T.: Não há tradução para o português desta obra. O título, em tradução livre, seria: *Mapas, gráficos e diagramas de árvore*].

Moretti tenta responder por meio da análise de dados empíricos coletados em todo o mundo. Em jogo está um modelo empírico que, para apreender uma história da literatura mundial, examina uma grande quantidade de material, atualmente perdida para os historiadores da literatura. Moretti conceptualiza seu projeto como aquele que busca elucidar uma lei de evolução literária, considerando uma amostra vasta de romances: o que é central para o seu quadro teórico é o destino do romance fora da Europa e o que ele nos conta sobre essa forma. Nesse modelo, todos os romances de fora da Europa nascem do encontro com realidades sociais particulares que, quando expressas numa forma ocidental que não se ajusta bem àquela realidade, acabam gerando variações na forma europeia. Essa é uma tese interessante baseada na noção de *Weltliteratur*, que evita o déficit assíncrono de outras posições (como a de Jameson), mas a questão óbvia que se coloca é – se a franqueza é permitida – o que mais renderia o encontro de formas europeias particulares com realidades não europeias? O que mais produziriam todas as interações dialéticas entre formas globais e realidades locais? As conclusões de Moretti deveriam servir aqui como uma premissa para o estudo das mediações reais entre forma e realidade social, e não como o seu resultado. O recurso à linguagem das ciências naturais e sociais para sua construção teórica força-o a submeter sua teoria a um vocabulário e a um conjunto de protocolos que, por definição, a enredam em todo tipo de enviesamento, contradições e consequências relacionadas à sua construção metafórica.

Em sua introdução a *Graphs, Maps, Trees*, Moretti (2005, p. 1) explica que, por meio desse trio de construtos artificiais, a realidade do texto passa por um processo de abstração que tem em vista a produção de “uma forma específica de conhecimento”. A reivindicação epistêmica, nesse ponto, é algo que ele atribui à sua formação marxista:

[...] a razão distante para essa escolha consiste em minha formação marxista, que foi profundamente influenciada por Galvano Della Volpe e que implicou, portanto (no que diz respeito aos fundamentos, caso não tenha sido sempre posta em prática), um grande respeito pelo espírito científico (MORETTI, 2005, p. 20).

O apelo a um marxismo positivista – como se os relevantes debates marxistas sobre a crítica ao positivismo nunca tivessem acontecido, como se Adorno e Popper nunca tivessem se ocupado do debate sobre o futuro da sociologia (e o projeto de Moretti não é, desde que despojado de seus trajes darwinianos, um projeto global em sociologia das formas literárias?)

– traz à tona a questão das afinidades entre o retorno ao positivismo e os discursos atuais sobre a globalização. O que é realmente alcançado por meio da acumulação massiva de dados sobre uma forma itinerante? O que esse aparato conceitual esconde quando apela à unificação conceitual extraída das ciências? Esse modelo impõe “regime do visível”¹³ que mantém encoberta a contradição fundamental de conflito de classe num mundo que não é, de modo algum, algo que possa servir de mapa através do qual as formas passam sem se confrontar com as contradições fundamentais de desigualdades aviltantes, de guerra e injustiça; ou nas palavras de Adorno (2000, p. 52): “uma unificação conceitual ideal extraída das ciências naturais não pode, entretanto, ser, indiscriminadamente, aplicada a uma sociedade cuja unidade consiste em não ser unificada”.

Vamos considerar apenas um exemplo da explicação de Moretti sobre a evolução do romance latino-americano. Não surpreende que seu modelo produza, no final das contas, alguém como García Márquez, que emerge em seu *Modern Epic* (1996) como um herói valoroso quando o melancólico romance europeu caminhava rapidamente para a exaustão. Daquele momento em diante, ele sustenta que a “espécie vinda de Macondo” nos força a ver o épico não mais a partir do centro do sistema mundial, e sim da periferia (MORETTI, 1996, p. 243). Mas será mesmo? Qualquer estudante de literatura latino-americana sabe que o retrato que Moretti faz de García Márquez é uma apresentação da autocompreensão do *boom* latino-americano, que deixa de revelar a contestação em torno: da estética do “realismo mágico” e do nicho do mercado internacional, que, no final dos anos 1960, produziu e, ao mesmo tempo, satisfez a indústria livreira espanhola ao criar um fenômeno editorial que levou uma literatura que, naquele tempo, não era tão amplamente consumida, ao reconhecimento internacional. Tudo isso tem pouca relação com compreender a refuncionalização do romance por uma geração de escritores profissionais latino-americanos que foram os primeiros a viver da escrita de ficção. Esses romances, ao invés de serem espécies naturalmente selecionadas para substituir o decadente romance europeu no mundo evolucionário das formas literárias, foram em verdade as primeiras *commodities* literárias exportadas da América Latina para a Europa. Abstrair o romance latino-americano do destino da forma *commodity* no âmbito da cultura naquele

¹³ Tomo esse conceito de Jacques Rancière, que o desenvolveu pela primeira vez em *La Méésentente: politique et philosophie* (Paris: Édition Galilé, 1995) [N.T.: No Brasil, a obra foi publicada com o título *O desentendimento: política e filosofia* (São Paulo: Editora 34, 1996)].

ponto do capitalismo, em vez de o iluminar, obscurece, na realidade, o modo como a homogeneização da cultura gerou regimes distintivos de desigualdade sob os quais a cultura foi e é produzida ainda hoje.

Pascale Casanova vai se distanciar do mundo das formas e restringir suas operações itinerantes ao mundo dos atores nacionais do campo da literatura, todos em competição no interior de uma instituição literária globalizada cujo centro está localizado em Paris (e Londres). O espaço mediador entre literatura e mundo é um espaço literário internacional autônomo que é tanto uma história quanto uma geografia “relativamente independente do mundo cotidiano e de suas divisões políticas e cujas fronteiras e leis operacionais não são redutíveis às do espaço político ordinário” (CASANOVA, 2004, p. XII).¹⁴ Nesses lugares, conflitos de todos os tipos – políticos, sociais, nacionais, de gênero, étnicos – acabam por ser refratados, diluídos, deformados e transformados numa lógica literária que é invisível para a maior parte, e isso se torna evidente aos que estão mais distantes dos grandes centros ou privados de seus recursos.

No momento atual, muitos livros têm sido escritos envolvendo a proposta de Casanova,¹⁵ e não é preciso que revisitemos muito dessa crítica aqui; em vez disso, mais importante é continuar a explorar a conexão e as consequências dessa proposta relativamente à de Moretti, que é com frequência colocado contra Casanova como alguém atento às questões da multiplicidade de formas no mundo inteiro. O que é em verdade significativo é a conexão com a lógica globalizante em ambas as propostas. A própria Casanova lança mão de uma amostra empírica de diferentes tradições, só que as informações factuais dos seus dados não são exteriores aos objetos, mas sim um processo cumulativo de representação independente de atores do campo da literatura em relação à hora literária do Meridiano de Greenwich. Ela argumenta que aqueles mais distantes do Meridiano reconhecem mais claramente as formas de violência e dominação que operam dentro dele. Casanova inventa um espaço seguro

¹⁴ N.T.: Apesar de a citação vir de uma obra que conta com uma tradução para o português (Cf.: CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002), a citação feita pela autora deste artigo vem do prefácio publicado na edição inglesa da obra. Por este motivo, apresento aqui uma tradução de autoria própria do trecho.

¹⁵ Cf.: PRENDERGAT, Christopher (Org.). *Debating World Literature*. Londres: Verso, 2004. Para uma perspectiva latino-americana sobre o assunto, cf.: SÁNCHEZ-PRADO, Ignacio (Org.). *América Latina en la “literatura mundial”*. Pittsburgh: Instituto Internacional de la Literatura Iberoamericana, 2006.

de dimensões mundiais no que diz respeito a escritores que, na qualidade de atores, tomam parte numa luta de diferenciação para extrair capital que possibilite a produção de suas próprias soluções formais. Se, em Moretti, temos uma forma literalmente incrustada na relação espacial entre centro e periferia; em Casanova, temos, no ator do campo da literatura e na nação, uma dobradinha que é incorporada à relação competitiva entre centro e periferia, isolando, com cuidado, o espaço de engajamento de âmbito autônomo de um espaço literário global. As operações teóricas desses modelos produzem um regime particular de visibilidade do centro e da periferia, esmeradamente blindado da discussão política de como aquela produção cultural é parte integrante de uma compreensão ampla da economia política do capitalismo.

Francamente, para críticos latino-americanos, acostumados a propostas teóricas muito mais arrojadas, Casanova não diz nada de novo. Quanto a esse assunto, não soubemos que Rubén Darío ou César Vallejo ou Julio Cortázar se tornaram escritores latino-americanos em Paris somente após formular de maneiras próprias sua relação periférica com aquela república específica das letras? Como isso pode significar mais do que a história da formação da classe letrada na América Latina? Será que realmente nos diz algo sobre a literatura como uma formação local que codifica muito mais que a literatura de viagem e os complexos de certos escritores? A história da literatura na América Latina parece contradizer este ponto de vista tão ideológico e despolitizado. Como Graciela Montaldo (2006, p. 268) nos lembra:

Cada república tem aqueles que foram expulsos dela, como também aqueles que desertaram dela; cada mundo tem seu fora onde aqueles que são diferentes operam. Instituições têm agido igualmente contra a deserção e a diferença por meio de repressão ou captura. Assim como muitas outras práticas, a literatura tem feito o que as instituições lhe têm pedido, mas tem feito outras coisas. Quer utilizemos mapas, diagramas, árvores, quer projetemos repúblicas ou campos para esquecer aquela resistência à ordem das coisas, colocamo-nos em risco de esquecer o impulso daquilo que nasceu como uma opção política.¹⁶

O deslocamento do conflito, que partiria da formação social da literatura em seu contexto local para um setor apartado com sede em Paris, obscurece o território cultural disputado daquelas literaturas no qual o verdadeiro impacto do desenvolvimento combinado e desigual encontra

¹⁶ N.T.: A citação de Montaldo, originalmente escrita em espanhol, foi traduzida a partir da tradução para o inglês feita pela autora deste artigo.

expressão e refrata a ordem mundial, e não simplesmente aquela da república mundial das letras. A república mundial das letras de Casanova não só nos diz algo que já sabíamos, mas agora organiza esse saber como um sistema e, ao produzir leituras partindo dos centros hegemônicos em direção à periferia, enfatiza uma vez mais seu poder etnocêntrico, porque, com base nesse espaço ficcional, assume como um axioma que o mundo se “mundializa” a partir do eixo Paris-Londres.

Os modelos de Moretti e Casanova na era da globalização nos forçam a considerar quais restrições são produzidas por formas ou atores itinerantes produzem e como lançam na sombra o fato de que a literatura como discurso não foi primeiramente constituída nem na relação com os centros literários europeus dominantes, nem com formas genéricas, mas em conflitos históricos específicos com outros discursos da nação, outras formações residuais e emergentes, como as das tradições orais, da cultura popular e, mais recentemente, da indústria cultural. Nessas complexas e disputadas relações, a literatura deu expressão à natureza conflituosa da cultura hegemônica em lugares em que os estados são fracos e a cultura nacional é atravessada por diferentes projetos e temporalidades concorrentes que só acentuam a irrelevância relativa da instituição literária europeia que Casanova projeta no centro do mundo.

Brevemente, e para que haja exemplos paralelos, vamos considerar mais uma vez o caso de García Márquez no modelo de Casanova. O “realismo mágico”, sustenta ela, “foi tanto uma tacada de mestre quanto um ataque contra a autoridade crítica internacional” (CASANOVA, 2004, p. 234).¹⁷ García Márquez emerge como esse grande ator internacional da república mundial das letras, provando que até esses escritores, situados nos recantos mais longínquos da república, podem acumular capital literário e ascender à glória. É como se, nos cem anos anteriores a *Cem anos de solidão*, não tivesse existido nenhuma tradição literária na América Latina com a qual conectar um fenômeno como García Márquez. Em certo grau, sua emergência se torna semelhante a uma vitória de rebeldes de uma colônia numa galáxia muito, muito distante...

Ao se deslocar do centro para a periferia, seja por meio de um ator do campo da literatura, seja por meio de uma forma, seja o espaço global

¹⁷ N.T.: Na edição brasileira: “o ‘realismo mágico’ foi uma estratégia de gênio e um ato de violência” (CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, pp. 285-286).

imaginado como sendo transversal em Casanova, seja ele múltiplo, mas horizontal, em Moretti, as reduções combinatórias do funcionamento da literatura fora da Europa ainda são governadas por um centro europeu disseminador. E, ainda que possam produzir uma compreensão diferenciada de certas economias literárias e hierarquias de exclusão, elas produzem um regime de visibilidade dessas exclusões que, fundamentalmente, encobre as mediações precisas dos objetos culturais produzidos em situações periféricas e sob a realidade do capitalismo.

Retornando ao nosso argumento sobre o alinhamento à evidência empírica nos modelos globais desses autores, mesmo que essa evidência possa se constituir apenas como uma lista ampliada de exemplos, não é difícil imaginar que esse tipo de evidência material, reunida e ordenada em nome de modelos abrangentes e globais de acumulação literária, abstenha-se de se engajar numa tradição materialista que – seja ela estrutural, seja dialética – tinha, em boa parte do último século, essas mesmas questões no centro de suas discussões. Como indiquei anteriormente, neste artigo, o questionamento fundamental do positivismo numa sociedade marcada pela contradição está no centro de uma teoria crítica da sociedade e, portanto, de uma teoria crítica da produção cultural, que é forçada a tratar de questões relacionadas à mediação [Vermittlung], ou desse conjunto de relações que indicam que nada pode ser constituído de maneira independente e com imediatismo [Unmittelbarkeit], como produto da consciência identitária que reifica o mundo (ADORNO, 2000, p. 130). A relação dialética entre o social e o imanente opera no nível do caráter específico do objeto, em que nada é puramente interno, nem suscetível de ser externalizado. A fenomenologia e o empiricismo falham, de acordo com Adorno, em apreender um mundo em que o seu é falso.

O crítico brasileiro Roberto Schwarz tomou muito seriamente o legado marxista de Adorno e as premissas epistemológicas de uma lógica cultural não identitária. Em suas investigações sobre a literatura e a cultura brasileiras, ele nos apresentou de que modo a falsidade do mundo é refratada nos objetos culturais da periferia do capitalismo. É para a obra dele que agora me volto.

3. AFINIDADES ELETIVAS: ESTÉTICA, GLOBALIDADE E TEORIA CRÍTICA¹⁸

A afinidade eletiva entre a teoria crítica de Adorno e as realidades culturais da periferia do capitalismo se torna evidente caso se assuma que, na teoria crítica, está implícito o comprometimento com uma compreensão global da produção cultural e na medida em que a base de uma análise crítico-teórica sempre é, ou, ao menos, tenta ser uma compreensão e uma teorização da cultura sob o capitalismo. O fato de que Adorno não trabalhou com culturas periféricas, nem teve a intenção de teorizá-las não é nem problemático, nem irônico nesse caso. Simplesmente, é irrelevante. Em outras palavras, o ímpeto crítico e teórico da Escola de Frankfurt segue muito bem seu caminho porque busca uma compreensão da cultura dentro do fenômeno global do capitalismo. O que está em questão é uma compreensão dialética dos fenômenos culturais que, por definição, encontram sua expressão específica e particular na historicidade de seus materiais, isto é, por meio de uma dialética do particular e do universal ou, mais precisamente, de uma dialética das particularidades da condição local e global.

Os escritos de Roberto Schwarz sobre a importação do romance no Brasil se apresentam hoje como uma das contribuições adornianas mais exemplares para o estudo de um fenômeno literário na periferia do capitalismo. Os textos do principal crítico marxista brasileiro já vêm aparecendo regularmente há algum tempo, traduzidos para o inglês (incluindo vários de seus mais recentes ensaios, apresentados na *New Left Review* com frequência), o que faz dele um autor não desconhecido em círculos metropolitanos. Entretanto, o reconhecimento mais amplo de sua crítica dialética na tradição da Escola de Frankfurt e as implicações dela para a vida da teoria crítica nos dias de hoje parecem estar ainda por ser plenamente apreciadas.

¹⁸ N.T.: Uma versão anterior das seções III, IV e V deste texto pode ser encontrada no capítulo “Peripheral Glances: Adorno’s *Aesthetic Theory* in Brazil”, publicada em: PENSKY, Max (Org.). *Globalizing Critical Theory*. Maryland: Rowman and Littlefield, 2005, traduzida no Brasil como: “Olhares periféricos: a *Teoria Estética* de Adorno no Brasil”. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton. *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. A presente tradução parte do texto publicado em *A Contracorrente*, no ano de 2011, conforme indicado na primeira nota de rodapé, visto que se trata de uma reformulação do texto apresentado em inglês, em 2005, e, em português, em 2007.

Os ensaios de Roberto Schwarz são difíceis de decifrar em razão do modo perspicaz por meio do qual o crítico brasileiro se situa em relação à sua tradição. Em um nível, como discípulo proeminente de Antonio Candido, Schwarz sempre oferece uma leitura atualizada e compromissada com a obra de Candido e sempre defende a contribuição de seu mestre como precursora no estudo social da forma. Em outro nível, para atualizar e revitalizar as contribuições de seu professor, Schwarz reconceitua as percepções de Candido ao fazer uso do desenvolvimento da estética marxista do último terço do século XX, especialmente como pode ser encontrada na *Teoria Estética* de Adorno. Os conceitos fundamentais adornianos entram no trabalho crítico de Schwarz de uma forma orgânica e natural. Como um crítico de esquerda, constrói estratégias de escrita que lhe facultam legitimar-se como um brasileiro que defende uma abordagem sócio-histórica dialética da literatura, enquanto oferece, ao mesmo tempo, uma perspectiva sobre a codificação social da forma literária que lhe permite ultrapassar o debate estéril entre realismo e modernismo que outro grande crítico literário do Brasil, Luiz Costa Lima, insiste em constituir. De acordo com Schwarz, Costa Lima classifica a produção literária do seguinte modo:

[...] de um lado, no partido do atraso, a mimese da realidade histórica, ausência de inquietação formal, redundância ideológica, ilusão da linguagem transparente, sem tração própria; de outro, no partido avançado, a produção literária do novo, a ruptura antimimética, a consciência da eficácia específica à linguagem, bem como o desligamento da antena referencial (SCHWARZ, 1999[1992], p. 40).¹⁹

Ao invés de repetir o debate entre Lukács e Adorno, o qual teve lugar nos anos 1930, Schwarz, engenhosamente, ocupa-se em desmontar as premissas de Costa Lima sobre o realismo e, como consequência, engaja-se numa exploração séria das formulações tardias de Adorno sobre a mimesis e as formas literárias. Ao reenquadrar o debate e ao nos oferecer sua análise cuidadosa da produção literária tardia de Machado de Assis, Schwarz oferece uma contribuição única para o nosso entendimento de como funciona a cifragem do referente social. O conceito de impulso

¹⁹ N.T.: O trecho aqui citado pode ser localizado em: SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 40. Sua tradução para o inglês pode ser localizada em: SCHWARZ, Roberto. National Adequation and Critical Originality. Trad. Kelly Washbourne e Neil Larsen. *Cultural Critique*, n. 49, 2001, p. 35.

mimético em Adorno e em Schwarz reapresenta o problema da inscrição da realidade como algo *interno* ao objeto literário. O impulso mimético não é o reflexo da realidade falada por Lukács, mas, em vez disso, uma reconsideração da dinâmica da forma que distingue o estudo marxista da forma do simples formalismo literário. Ou, como muito bem afirma Schwarz, o problema com o formalismo literário, ironicamente, é ele ter subestimado a própria forma literária.

Embora Schwarz (1999) já tivesse feito referência à importância da Escola de Frankfurt para os nossos dias, especialmente em sua biografia pessoal e intelectual intitulada “Um seminário de Marx”,²⁰ o texto fundamental no qual Schwarz postula firmemente seu ponto de vista a respeito das formas literárias é o ensaio “Adequação nacional e originalidade crítica”.²¹ Alguns dos princípios adornianos básicos desse ensaio incluem a ideia de que a obra, em seu momento histórico específico, codifica a realidade e a devolve a nós, articulada numa forma linguageira que revela as contradições de sua produção. Contrariamente à teoria do realismo como reflexo, aqui a sociedade aparece encapsulada num aparato formal de desdobramento autônomo cuja lógica escapa à comparação externa. Um segundo conceito elaborado tanto por Benjamin quanto por Adorno, o de constelação, aparece, nesse ensaio, de modo a explicar por que não pode haver apenas uma forma de inscrever a realidade ou, para refutar Lukács, por que não há nenhuma prescrição para ter que escrever como Balzac: em vez disso, deve-se encontrar as configurações ou as constelações no texto que iluminam seu momento histórico. Como diz Schwarz (1999, p. 40):

[...] o golpe de vista para o parentesco histórico entre estruturas díspares é talvez a faculdade-mestra da crítica materialista, para a qual a literatura trabalha com matérias e configurações engendradas fora de seu terreno (em última análise), matérias e configurações que lhe emprestam a substância e qualificam o dinamismo. Repetimos que o objetivo desse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura a outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formam. Estamos na linha *estereoscópica* de Walter Benjamin, com a sua

²⁰ N.T.: A publicação em português pode ser encontrada em: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. Originalmente, este texto foi publicado no caderno Mais! da *Folha de São Paulo* em 8 de outubro de 1995.

²¹ N.T.: A publicação em português pode ser encontrada em: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. Originalmente publicada em *Novos Estudos-Cebrap*, n. 32, São Paulo, março de 1992.

acuidade, por exemplo, para a importância do mecanismo de mercado para a compleição da poesia de Baudelaire.²²

Essa ideia de cifrar a verdade social num modo momentâneo, inconsciente e caleidoscópico distancia Schwarz tanto de Lukács quanto do geneticismo de Goldmann e deixa Costa Lima fora do debate. Também silencia as discussões sem saída que giram em torno da relação entre o original e a cópia. Essa oposição torna-se uma falsa oposição, porque não nos deixa ver a coparticipação do estrangeiro no nacionalmente específico ou o que há de imitação no original e o que há de original na imitação e o que eles revelam sobre a relação desigual de formas brasileiras e ideias europeias.

4. A FORMA COMO CIFRA SOCIAL: A IMPORTAÇÃO DO ROMANCE NO BRASIL²³

O grande mérito da obra de Roberto Schwarz resulta do fato de ele ter dedicado sua vida ao estudo da codificação da sociedade brasileira sob a escravidão na ficção de Machado de Assis. Como explicaríamos esses romances que não são representativos do que entendemos como o realismo do século XIX, mas cujas inovações formais são, apesar disso, diretamente ligadas à realidade social do Brasil? É aqui que o modo exemplar como Schwarz faz próprias as premissas de Adorno sobre a forma literária e sua historicidade lhe permite elaborar uma leitura convincente de como a função narrativa dos romances da segunda fase de Machado de Assis marcam, em vez de refletir, as contradições da elite dominante brasileira. Em seu estudo metuculoso sobre a obra desse autor, Schwarz demonstra como suas inovações formais operam no nível de um narrador, cuja volubilidade, em vez de ser uma falha narrativa, expressa a posição subalterna das elites brasileiras do final do século XIX. É nessa articulação do foco narrativo que, de acordo com o crítico, Machado de Assis alcança “um realismo”, não no sentido tradicional do termo, mas no sentido de uma inscrição inconsciente da realidade social.

²² N.T.: O trecho aqui citado pode ser localizado em: SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 28. Sua tradução para o inglês pode ser localizada em: SCHWARZ, Roberto. National Adequation and Critical Originality. *Critical Theory in Latin America*, a special issue of *Cultural Critique*, v. 49, out. 2001, p. 7.

²³ N.T.: Conferir nota de rodapé n. 16.

O choque, caracterizado pela importação das ideias liberais europeias, recebidas em meio a um modelo econômico escravocrata, produziu essa forma periférica do romance realista, uma forma que redefiniu tanto o realismo quanto o romance de um modo especificamente brasileiro. O que é mais bem exemplificado por esses romances brasileiros é que o subjetivo não está reduzido ao linguístico nem ao âmbito comunicativo, mas está integrado na forma configuracional do romance que ultrapassa a descrição daquilo que é narrado. O narrador funciona em suas relações com outros personagens e com a estrutura do enredo como cifras da articulação social dos personagens. A volubilidade do narrador não é modesta quanto ao seu alcance, pois “ela abraça o mundo em sua extensão, e trabalha a fundo o plano das formas” (SCHWARZ, 2012, p. 121).²⁴ O crítico escreve:

O traço marcante do romance de Machado de Assis é a volubilidade de seu narrador. Este não permanece igual a si mesmo por mais de um curto parágrafo, ou melhor, muda de opinião, de assunto ou de estilo quase que a cada frase. Há um elemento de complacência nesta disposição mercurial, bem como no virtuosismo retórico de que ela depende para se realizar. São viravoltas sobre viravoltas, que invariavelmente se acompanham de uma satisfação de amor-próprio para o narrador. Esta tem a ver com o desejo de atenção e reconhecimento que sublinhávamos atrás, ao analisar o texto, desejo decisivo para o nosso raciocínio. Uma vez que este movimento subordina tudo o mais, pode-se ver nele o princípio formal do livro (SCHWARZ, 2012, pp. 118-119).²⁵

Para ele, o caráter brasileiro dos romances de Machado de Assis não reside na meticulosidade extraordinária da observação local, da qual o escritor bem entendia, nem é anulado por seu discurso universal, que é um nível importante da obra, mas esse caráter se encontra, na verdade, no fato de que essas duas dimensões estão presentes de uma forma simultânea, complexa e negativa. É essa combinação dissonante que as relativiza e que lhes confere um caráter histórico intrínseco. O que Schwarz nos elucidou é mais do que o funcionamento da forma romance no Brasil do século XIX (que, em sua típica modéstia, é tudo quanto ele defenderia ter feito); mais precisamente, ele nos pôs à disposição um modo de compreensão de como, ao investigar a justaposição anacrônica das formas da civilização moderna e das realidades surgidas no período colonial, podemos discernir o vulto do mundo capitalista moderno. De uma maneira particular, ele

²⁴ N.T.: A publicação brasileira que serviu de base para a tradução citada pela autora pode ser encontrada em: SCHWARZ, Roberto. *Complexo, moderno, nacional, e negativo* [1981]. In: *Que horas são? Ensaios*. São Paulo, 2012[1987], pp. 115-128.

²⁵ N.T.: Trata-se da mesma referência indicada na nota n. 21.

procura especificar um mecanismo social que é um elemento interno e ativo da cultura brasileira, no qual as ideias europeias estavam fora de lugar e descentradas em relação ao seu uso europeu. Schwarz resume sua intenção da seguinte maneira:

[...] apresentamos uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital. Em suma, para analisar uma originalidade nacional, sensível no dia-a-dia, fomos levados a refletir sobre o processo da colonização em seu conjunto, que é internacional. O tic-tac das conversões e reconversões de liberalismo e favor é o efeito local e opaco de um mecanismo planetário (SCHWARZ, 2000, p. 30).²⁶

Do ponto de vista da crítica imanente, para Adorno e Schwarz, a antítese entre o universal e o particular, além disso, é necessária e, ao mesmo tempo, enganosa. Nenhum dos dois existe sem o outro – o particular somente como definido e, portanto, universal; o universal somente como definição de algo particular e, portanto, em si mesmo, particular. A forma do romance no Brasil nos revela o funcionamento interno de um objeto estético inscrito historicamente num lugar e num tempo que articula, por meio de seu funcionamento formal, uma realidade nacional que compreende não apenas o presente, mas também a herança de um passado colonial e, assim, a realidade do Brasil em sua inserção mais ampla no mundo capitalista. Fiel a uma epistemologia crítico-teórica, Schwarz, assim como Adorno, faz da primazia do objeto a pedra angular da crítica dialética.

5. GLOBALIZAÇÃO: COMPLEXA, MODERNA, NACIONAL E NEGATIVA

Permita-me retornar para a ideia aparentemente redundante de globalizar a teoria crítica para indicar que o trabalho de Roberto Schwarz nos leva à questão de como uma cultura, mesmo nesse período de globalização, ainda está incrustada numa experiência nacional, que é

²⁶ N.T.: Conferir, em inglês: SCHWARZ, Roberto. *Misplaced Ideas: Literature and Society in Late Nineteenth-Century Brazil*. In: GLEDSON, John (Org. e trad.). *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture*. London: Verso, 1992. Para a publicação brasileira, conferir: SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000[1977], pp. 9-32.

moderna, complexa e negativa e que – quaisquer que sejam os efeitos do processo de globalização – medeia essas experiências por meio de um idioma que é específico linguística, cultural e nacionalmente tanto quanto em diálogo com uma tradição definida e herdada.

O entusiasmo que parece ter tomado as humanidades a respeito das possibilidades de uma política que seria verdadeiramente global contrasta com as realidades econômicas da globalização e sua relação com o Estado-nação. A realidade econômica é que as corporações globais continuam fortemente contando com estruturas domésticas do Estado, as quais recaem nos limites tradicionais de governos individuais, presidindo sobre territórios delimitados, fazendo avançarem agendas domésticas e regulamentando economias nacionais. Um Estado-nação coeso que regule o livre mercado parece ser essencial para o crescimento capitalista. Em caso de dúvida, confira as pautas de poderosas economias emergentes como o Brasil e a Índia. O Brasil processa os Estados Unidos por manter tarifas que violam acordos da Organização Mundial do Comércio, pressiona muito por um lugar no Conselho de Segurança da ONU e estabelece acordos bilaterais com outros Estados-nação para avançar na economia mundial.

Nossas formas culturais, incluindo a literatura, estão inscritas nessa interação altamente complexa entre capitalismo global e respostas locais às realidades e aos discursos sobre a globalização, mediada por meio de formações linguísticas e nacionais específicas. É talvez nesse contexto que – como o trabalho de Roberto Schwarz tem mostrado – um retorno a Adorno para um esclarecimento a respeito do funcionamento das formas estéticas pode não ser tão anacrônico como se poderia pensar; é, em vez disso, bastante oportuno, se se estiver disposto a prestar atenção no impacto que olhares periféricos podem ter na tradição crítico-teórica do próprio Adorno.

Ler literatura em sua manifestação específica e concreta – que inclui a particularidade de uma língua, de um meio sociocultural e, sim (por que não?), uma relação peculiar com uma tradição nacional em diálogo com um grande cânone ocidental – é uma delimitação que não deveria nos escapar e a qual nem deveríamos querer relegar em favor de teorias globalistas da produção literária. Ir por esse caminho seria embarcar numa aventura do globalismo que esvazia a especificidade cultural e que traduz a referencialidade a esse espaço internacional que, mais uma vez, define o resto do mundo em relação com a espacialidade do império. Para os que

estão na periferia do capitalismo, as vicissitudes de sua própria realidade social, econômica, política e estética estão no centro, e as mediações da globalização assumem formas estéticas interessantes que nos revelam muito sobre o atual estado do capitalismo. Proceder de forma imanente para compreender o que esses artefatos articulam e manter distância do perigo de deixar a teoria da literatura ser, com o devido respeito a Hans Blumenberg, nada mais do que o ponto culminante da carreira de uma metáfora globalizada.

**Traduzido por:
Vitor Soster²⁷**

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Sociology and Psychology (part 1). *New Left Review*, v. 47, n. 1-46, 1967, pp. 67-80.
- ADORNO, Theodor W. Metacritique of Epistemology. In: O'CONNOR, Brian (Org.). *The Adorno Reader*. Malden: Blackwell Publishing, 2000.
- CASANOVA, Pascale. *The World Republic of Letters*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- JAMESON, Fredric. Third World Literature in the Era of Multinational Capitalism. *Social Text*, v. 15, 1986, pp. 65-88.
- MONTALDO, Graciela. La expulsión de la república, la deserción del mundo. In: SÁNCHEZ-PRADO, Ignacio (Org.). *América Latina en la "literatura mundial"*, Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2006, pp. 255-270.
- MORETTI, Franco. *Graphs, Maps, Trees*. London: Verso, 2005.
- MORETTI, Franco. *The Modern Epic: The World-System from Goethe to García Márquez*. London: Verso, 1996.
- RANCIÈRE, Jacques. *La Méésentene. Politique et philosophie*. Paris: Éditions Galilée, 1995.
- SCHWARZ, Roberto. Misplaced Ideas: Literature and Society in Late Nineteenth-Century Brazil. In: GLEDSON, John (Org. e trad.). *Misplaced Ideas: Essays on Brazilian Culture*. London: Verso, 1992, pp. 19-32.

²⁷ Doutorando em Teoria e História Literária (IEL – Unicamp), com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2021/09905-2: <sosterv@gmail.com>.

SCHWARZ, Roberto. A Seminar on Marx. *Hopscotch*, v. 1, n. 1, Durham, Duke University Press, 1999[1992].

SCHWARZ, Roberto. National Adequation and Critical Originality. *Critical Theory in Latin America*, a special issue of *Cultural Critique*, v. 49, out. 2001, pp. 18-42.

Recebido: 29/5/2023

Aceito: 6/8/2023

Publicado: 7/12/2023